SEMANA DA DIVERSIDADE HUMANA, 4., 2019. **Anais...** Porto Velho: Centro Universitário São Lucas, 2020. v. 3. ISSN: 2675-1127

# A (IN)VISIBILIDADE DOS INTERSEXS: REFLEXOS DE ENCAIXE SOCIAL

**Aléxia Evelyn Silva COUTINHO[1]; Vinícius de Souza SANTOS[1]**

1. Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Proveniente dos estudos realizados e temáticas abordadas na disciplina de Gênero e Educação no Curso de Pedagogia da UNIR - Universidade Federal de Rondônia, nasceu a problemática da invisibilidade dos intersexs na sociedade, visto que, ainda é um tema tabunizado mesmo na era da informação, repudiado na medida em que se ganha suporte para a potencialização de discussões desta natureza. Pretendemos apresentar e dar visibilidade aos intersexs, discutindo quem são e o percurso de (des)encaixe social na cultura binária, que transita pela área familiar e hospitalar. À luz da contrassexualidade que, defende a ideia de nos identificarmos como corpos falantes e não como homem/mulher, heterossexual/homossexual, ou seja, busca desvincular-se do padrão binário construído em nossa estrutura social cisheteronormativa, percebe-se um possível refúgio para indivíduos que não cabem neste padrão, nesta perspectiva, existem indivíduos que são denominados intersexuais. Ao analisarmos o conceito de intersexs, é possível identificar características da nossa sociedade que tem como base a cultura binária determinante das condutas, posturas e modos de expressar-se socialmente, limitando-se ao feminino e masculino. Adentrando-se nessas problemáticas fazemos a seguinte reflexão: como dar visibilidade a estes indivíduos dentro desta sociedade padronizada e enraizada na heteronormatividade? Material e Metodologia: Para a produção das muitas reflexões e estudos, tivemos como metodologia o uso e atribuições de obras que possibilitaram uma emancipação das nossas indagações quanto as condições de existência e de sobrevivência destes indivíduos, aperfeiçoando nossa sensibilidade para a compreensão da invisibilidade intersex. Desde seu nascimento os intersexs passam por diversos conflitos e desafios que são iniciados dentro do campo familiar e consequentemente no hospitalar. Pois, os familiares são obrigados, segundo a Legislação Brasileira a determinar não só o sexo biológico, e consequentemente o gênero social. Pelo pouco conhecimento que a família possui acerca dos intersexs, acabam recorrendo à Medicina em busca de um encaixá-lxs dentro do binarismo cultural e biológico em que nossa sociedade está estruturada. A consequência do encaixe social baseado no binarismo cultural e biológico, perpetua a invisibilidade dos indivíduos intersexuais, pois segundo Fernanda Carvalho Leão Barretto (2016): dar "visibilidade empurraria o binarismo sexual e de gênero no qual se ancora a heteronormatividade para um abismo possivelmente fatal". Percebe-se que a detenção do saber que a Medicina reflete sobre a padronização dos corpos, também encontra-se estruturada no binarismo social, a partir disso compreende-se que as expressões utilizadas pela Medicina para caracterizar os intersexs baseiam-se em anomalias; ambiguidade genital e distúrbio sexual, refletindo assim o desencaixe social destes indivíduos, gerando a violação de seus corpos, "o recorte de órgãos e a geração de zonas de alta intensidade sensitiva e motriz [...] que depois identifica como centros naturais e anatômicos da diferença sexual". A legislação brasileira acaba consentindo com a Resolução nº 1.664/2003 do Conselho Federal de Medicina, que define as normas técnicas necessárias para o tratamento de pacientes portadores de anomalias de diferenciação sexual, ocasionando uma série de consequências para a criança e para todos os envolvidos no seu processo de determinação biológica e psicossocial. Ocorre neste processo a escamoteação dos direitos da criança (ECA, 2019) que são subalternizados aos interesses familiares. A partir do momento em que se define o sexo biológico e o gênero da criança intersexs, provoca-se diversos traumas que serão significativas no seu processo de

construção como ser humano durante sua existência. O trauma cirúrgico é um deles, pois a criança é submetida a viver sua infância presa em quarto hospitalar, passando por diversos procedimentos cirúrgicos que pretendem adequá-la ao padrão binário vigente na sociedade. Fica nítido que nós, quanto seres humanos e profissionais, necessitamos dar espaço e visibilidade, em nossas discussões e atitudes nos diversos espaços aos intersexs revisando os conceitos que são utilizados nas leis que regem desde os hospitais até o preparo capacitado para informar a família, não demonizando e nem excluindo este indivíduo que desde seu nascimento, lutando por sua existência dentro dos padrões binário sexual e cultural. Dar visibilidade significa discutir a respeito destes seres, é dar todas as condições possíveis para que estes indivíduos sejam tratados com respeito, e não com violação, a seu corpo e sua existência.

**PALAVRAS-CHAVE:** Intersexs. Gênero. Identidade.